

UMA HISTÓRIA SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA REGIÃO DO BOLSÃO/MS

Natalia Cristina da Silva¹

GD 5 - História da Matemática e da Educação Matemática

Resumo: Este texto descreve o projeto de pesquisa que tem como objetivo traçar compreensões sobre o movimento de expansão/instalação dos cursos de Matemática nas cidades de Cassilândia, Paranaíba e Três Lagoas estado de Mato Grosso do Sul, denominada de região do Bolsão – MS, a partir da década de 1970. Para atingir o objetivo estabelecido será desenvolvida uma pesquisa de caráter qualitativo, fundamentada na História Oral enquanto metodologia de pesquisa, pois esta visa à construção de fontes historiográficas de modo a compreender a formação Matemática a partir de quem vivenciou esse processo. Serão utilizadas não só as fontes orais, na forma de depoimentos de (ex) professores, (ex) funcionários que atuaram na região, como também possíveis documentos escritos, fotos, entre outras. Assim sendo, o estudo se situa no campo da História da Educação Matemática, salientamos que histórias são construídas a partir de resíduos de um passado não mais alcançável, sempre situados no presente, cabendo-nos uma articulação de passado e presente na produção de significados. Espera-se caracterizar o processo de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão/MS, bem como destacar as ações efetivadas de formação no estado. Com isso, pretendemos contribuir para um mapeamento da formação de professores que ensinaram Matemática no Brasil.

Palavras-chave: História Oral. História da Matemática. Educação Matemática.

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O presente texto tem como proposta apresentar o trabalho vinculado ao Grupo História Oral e Educação Matemática - GHOEM² que tem dentre os seus projetos mapear a formação e atuação dos professores de Matemática no Brasil. Os trabalhos que utilizam narrativas dentro do grupo têm um espectro voltado para legislações, ensino de Matemática, estrutura escolar, movimentos pedagógicos, estratégias utilizadas no ensino, projetos que visavam à formação continuada e outros (SOUZA, 2013). Esses estudos tem se revelado importante não só pelas contribuições que vêm trazendo para as pesquisas, mas no sentido de oportunizar aos interlocutores ressignificarem suas práticas e construir identidades para sua profissão docente.

¹ Universidade Estadual Paulista - UNESP; Programa em Pós Graduação em Educação para Ciências; Doutorado em Educação para Ciência; nc.silva@unesp.br; orientadora: Professora Doutora Ivete Maria Baraldi.

² Criado no ano de 2002, cadastrado no CNPq e certificado pela UNESP – é membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), atua nas seguintes linhas de pesquisa: Análise de livros didáticos - Hermenêutica de profundidade; História da educação Matemática; História oral e educação Matemática; História oral, Narrativas e formação de professores: pesquisa e intervenção; Escolas reunidas, Escolas isoladas: Educação e educação Matemática em grupos escolares. www.ghoem.org.

As preocupações que motivaram a construção desse projeto iniciaram-se ainda durante o curso de graduação em Licenciatura em Matemática e, posteriormente, em uma pós-graduação e durante o curso de Mestrado em Educação Matemática.

Na pesquisa de mestrado (SILVA, 2016), intitulada: “Cenas sobre a formação e atuação de professores de Matemática de Paranaíba (MS) na segunda metade do século XX”, tecemos compreensões da forma como ocorreu a formação dos professores na cidade de Paranaíba, já que o município não possuía cursos para formar docentes no período abordado. Nossa pesquisa valeu-se da metodologia da história oral para a construção de tais cenas, que foram compostas com base em depoimentos de professores que vivenciaram os processos formativos.

Articulando com nossa pesquisa de mestrado e ampliando o foco de interesse, destacamos a importância de estudar os modos como os cursos de Matemática foram instalados na região do Bolsão no estado de Mato Grosso do Sul como parte de um “processo formador” dos docentes da localidade. Tal escolha assim ocorreu por se localizar nos entornos de Paranaíba, cidade em que foi realizada a pesquisa de mestrado.

No trabalho de mestrado decidimos estudar o recorte temporal da segunda metade do século XX, pois, na cidade de Paranaíba, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS instalou-se no município e passou a oferecer o curso de Licenciatura em Matemática no ano de 2001, o que mereceu um estudo mais elaborado. Diante disso, neste projeto de doutorado, pretende-se estudar os cursos de Matemática instalados na região do Bolsão a partir da década de 1970, visto que o curso de Três Lagoas foi aberto no ano de 1970, o de Cassilândia em 1994 e o de Paranaíba no ano 2001.

A região do Bolsão de Mato Grosso do Sul, ou Sertão dos Garcias, como foi identificada em um primeiro momento, possui uma área de 51.735,30 mil quilômetros correspondendo a 14% da área total do Estado de Mato Grosso do Sul. A designação de Bolsão está ligada ao aspecto político, aos métodos políticos e sociais adotados pelas oligarquias que se incidiram nos últimos cem anos no comando da política da região. As práticas adotadas se revezaram como em uma gangorra entre autoritarismo e assistencialismo. A superioridade de um sobre o outro dependia da conjuntura política (CAMPESTRINI, 1991; GARCIA, 2009).

A região do Bolsão é formada pelas microrregiões de Três Lagoas, Paranaíba e Cassilândia e praticamente coincide com a mesorregião do leste de Mato Grosso do Sul,

conforme Figura 1. A região se destaca dentro do estado por ter grande arrecadação fiscal. Inicialmente a pecuária tinha forte predomínio, mas nas últimas décadas houve uma diversidade na economia como a produção agrícola, a produção florestal e a indústria. (MATO GROSSO DO SUL, 2015).

Figura 1 – Região do Bolsão – MS



Fonte: Mato Grosso do Sul (2015, p. 38)

Tomando como ponto de partida as entrevistas com (ex) docentes, (ex) funcionários, procuraremos perceber questões específicas de cada localidade e de cada curso, e, até mesmo, de questões comuns a eles, a fim de entender, assim, a dimensão que a abertura desses cursos ocasionou na região. Por outro lado é importante não apenas focar o período e a questão relativa a interior/interiorização, mas ampliar a visão e esboçar compreensões não só de uma instituição em particular, mas de um movimento amplo de criação, instalação e desenvolvimento dos cursos de Matemática.

Os depoimentos têm sido apontados como potencialidades a serem utilizadas na Educação, pois podem apresentar-se como uma percepção de si contribuindo para possibilidades de mudança. O sujeito constitui-se como um indivíduo histórico no momento em que se narra (BOLÍVAR, 2002). Mas além desse espectro alguns trabalhos com narrativas tem apontado outro potencial “A construção e reconstrução das histórias pessoais e sociais das pessoas têm inspirado muitas pesquisas e revelado que os professores apresentam um considerável desenvolvimento profissional quando passam por essas experiências” (PASSOS et al, 2013, p.328).

Vivemos em um regime de historicidade, em que os depoimentos são mobilizados e legitimados de maneira clara, e a História Oral constrói a partir desses diálogos uma narrativa histórica, que neste trabalho servirão para construirmos um cenário histórico sobre a instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão. Segundo Cury, Souza e Silva (2014) as fontes narrativas utilizadas pela História da Educação Matemática tem sido realizada na busca de traçarmos compreensões sobre alternâncias e permanências no tempo e espaço que o historiador trabalha.

Neste contexto nossa pesquisa tem caráter historiográfico, portanto voltamos nossa atenção para o passado, produzindo histórias sobre ele, se faz importante compreendermos que nossa busca e apontamentos são delineados no presente, e que estes apontamentos nos auxiliam a compreendê-lo, não com relações diretas de causa e efeito, mas como possibilidades de leituras sobre as temáticas inquiridas.

Neste sentido produzir histórias a partir de narrativas ou possíveis fontes escritas, dos próprios narradores, sempre posicionados num presente, ou seja, as narrativas evidenciam um olhar do presente sobre processos passados. Desta forma, a história nada mais é do que o passado reinventado.

É por meio de questões que nos assolam no cotidiano que dialogamos com outras fontes, resquícius de um passado, de modo que, quando articulamos passado e presente, “estamos inventando um passado”, e qualquer invenção desse passado produz caminhos, e o que interessa ao pesquisador é percorrê-las, construindo versões plausíveis. Neste sentido, Garnica (p.183, 2015b) diz: “trata-se não mais de um passado ‘em si’, mas do passado que se inventa no presente e dos vários futuros projetados nesses vários passados inventados pelos sujeitos”.

As versões historiográficas, assim como defendida por Garnica e Souza (2012, p. 21-22) são regidas por plausibilidade e não veracidade, e devem ser construídas legitimamente, plausivelmente ainda que hajam convergências. Dessa forma, a ideia de plausibilidade, aqui entendida, articula-se com as diversas possibilidades de posicionamento, ou dos vários futuros projetados no passado. O projeto aqui traçado relaciona-se com o objeto mediante o qual se pretende tecer compreensões: a expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão, possuindo suas particularidades, singularidades e que não podem ser generalizadas, tudo deve ser considerado e analisado dentro do contexto de investigação. Como enfatiza os autores supracitados, as diversas versões históricas, podem reforçar ou contradizer outras versões, e todas são legítimas se constituídas de modo fundamentado, plausível, argumentado. (p. 21-22).

Desse modo, o pesquisador constrói a sua versão histórica, mas consciente de que tal entendimento não é o único ponto de vista a se considerar, pois o investigador escolhe suas fontes e está mergulhado em um ângulo particular, ou seja, tem seu olhar para aquela versão que não é a mesma daquela que o outro pesquisa. Albuquerque Junior (2007, p. 72) afirma que “[...] as histórias são escritas do ponto de vista dos homens, mergulhados em seu cotidiano”. Cabe ao historiador, situado no presente, instigar questionamentos ao passado e construir uma versão plausível, tendo total consciência de que a história que constrói não é a única. Assim sendo, este projeto tem a pretensão de construir uma versão histórica, sobre a instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão, não negligenciando as possíveis fontes produzidas e, enquanto pesquisadora, estabelecer articulações e questionamentos com o passado, mas com fundamentos em questões propostas no presente.

Entendemos que esse estudo é de grande importância, pois contribuirá com o projeto maior do GHOEM, com outros pesquisadores interessados nos aspectos educacionais da região e com a história da educação matemática de forma geral. Desse modo, constitui-se como objetivo geral da pesquisa proposta: Traçar compreensões sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão – MS a partir da década de 1970. Articulados com o objetivo geral esboçado acima, estruturou-se três objetivos específicos a orientar a investigação:

- esboçar compreensões sobre os modos que os cursos de Matemática foram instalados, organizaram-se e mantiveram-se/mantêm-se;

- analisar a influência que outros cursos ou modelos tiveram na implementação dos cursos da região do Bolsão;
- entender o impacto da criação dos cursos de Matemática, para a formação de professores na região do Bolsão.

PERSPECTIVAS METODOLOGICAS

A metodologia de pesquisa a ser mobilizada é a história oral, que possui uma abordagem qualitativa focada na construção de fontes a partir da oralidade, de forma a não coexistir com generalizações, conforme aponta Thompson (2002).

A história oral como metodologia da pesquisa, compreendendo-a como um conjunto de ações ou, até mesmo, como procedimento, envolvendo registros de entrevistas como fontes históricas (DELGADO, 2006; THOMPSON, 2002; GARNICA, 2015a), que nos permitirão discutir sobre o movimento de expansão dos cursos de Matemática na região do Bolsão, sob vários pontos de vista, já que participarão da pesquisa (ex) professores, (ex) funcionários. Ademais, trata-se de se descortinar os limites e potencialidades desse conjunto de ações, em analisar sobre quais fundamentos estão pautados e em que lugar essas ações se estabelecem (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011).

Este projeto se valerá das narrativas, pois nelas se percebe a potencialidade para se estudar a formação de professores, uma vez que tal formação possibilita a construção de diversos olhares sobre “o ser professor”, em um processo de reflexão e de construção dos fatos experienciados pelos sujeitos participantes. Neste sentido, as narrativas podem ser vistas como um processo de se contar histórias; histórias particulares de cada sujeito, e, nessas narrativas, voltamos nosso olhar para a realidade da maneira como a percebermos para, assim, atribuímos significado a essa mesma realidade. Nas situações de entrevistas, oportunidade pela qual o narrador pode falar de suas experiências, o pesquisador perceberá a multiplicidade de histórias existentes, e a razão pela qual ele se propõe a ouvir é que poderá enriquecer-se com uma versão plausível que poderá construir.

Importante ressaltar que, neste contexto de singularidades, as construções narrativas, em que experiências pessoais são utilizadas como fonte de pesquisa, nos remetem a um cuidado, qual seja: “[...] a lembrança constante de que toda experiência

narrada está inscrita em um contexto social e político” (SOUZA, 2013, p.264). Esta precaução se deve por não interpretarem as narrativas apenas como espaços de divulgação de práticas dos depoentes, mas que tais relatos contribuam mesmo com suas singularidades para um estudo analítico contextualizado, permitindo ao pesquisador reelaborar características sociais e políticas em que os entrevistados estejam inseridos. Assim é importante ressaltar que as pesquisadoras a princípio não possuem uma pergunta de pesquisa, pois entendem que por meio dos depoimentos produzidos surgirão diversas possibilidades de discussão, ou seja, em um primeiro momento é necessário ouvir os depoentes para posteriormente dialogarmos sobre as temáticas que mais nos inquietarem.

A história oral, ao valer-se das narrativas como fonte de pesquisas legítimas, reconduz para o cerne das práticas científicas a subjetividade; não se trata de dizer o que é válido ou verdadeiro, mas o modo que cada pessoa atribui significado e tenta dizer aos outros como ele atribui significado para o que ela afirma. (GARNICA, 2015b).

As fontes escritas, que falam da vida de professores, também são de significativa relevância para os trabalhos da história oral, no entanto, pesquisas pouco ou nada registram das expectativas dos professores, de seus encantamentos ou de desencantamentos, como adquiriram as experiências e as desenvolveram, das imposições a que foram submetidos, das subversões que implementaram (ou não), das possibilidades e limitações dos cursos que escolheram para se formar; para os pesquisadores que trabalham com fontes orais, toda essa gama de problematização se faz necessária quando se quer estudar e traçar compreensões acerca da formação de professores (SILVA; SOUZA, 2007).

Cabe salientar a não imparcialidade do pesquisador que, mesmo buscando distanciar-se de suas próprias vivências, posturas e colocações, acaba deixando a sua “marca pessoal” durante o processo de pesquisa. Isso faz com que as pesquisas qualitativas se traduzam como uma forma sempre particular de se analisarem dados. Na história oral, tal característica torna-se um princípio que não permite buscar histórias/resultados finais, totalizados nem que se criem generalizações.

Para a elaboração desta pesquisa, da qual este projeto trata, acontecerão entrevistas, mediante um estudo detalhado dos cursos de Matemática na região do Bolsão, efetuando-se um levantamento de nomes de (ex) professores e de (ex) funcionários, provavelmente utilizando o critério de rede que nos auxiliará na escolha de nossos entrevistados e nos levará a outros nomes de possíveis interlocutores. Para iniciarmos a construção de nosso

critério de rede, temos alguns nomes de algumas pessoas ligadas aos cursos, esses nomes surgiram pela proximidade de uma das pesquisadoras com a região.

Logo após, elaboraremos um ou mais roteiros de entrevista que nos ajudarão a esboçar compreensões sobre o movimento de instalação/expansão dos cursos de Matemática na região proposta para o estudo. Selecionados os depoentes, realizaremos a entrevista, sempre em local e horário escolhido por nossos entrevistados, para sua maior comodidade (PORTELLI, 2016). Assim, este momento dialógico será registrado por meio de aparelho de gravação de áudio, sendo que o pesquisador deve estar atento às condições de captação do áudio e para todo o adequado funcionamento técnico dos aparelhos.

Após a entrevista, é o momento de transcrever tudo o que o entrevistado relatou, é um momento exaustivo, mas que se destaca como um diferencial no processo analítico. O texto gerado deve ser “o mais próximo possível” da fala do entrevistado; o entrevistador deve registrar gestos que foram marcantes durante a conversa, os vícios de linguagem e tudo que julgar necessário.

Com a transcrição realizada, inicia-se o processo de textualização, momento este que requer toda a sensibilidade do pesquisador, pois não há regras para se textualizar, porém o texto gerado não pode ser desvincilhado do sujeito que concedeu a entrevista, ou seja, o interlocutor precisa se enxergar neste texto e afirmar, “eu diria estas coisas, dessa forma”. Nesta ação pode-se trocar a ordem da fala do depoente, os vícios de linguagem podem ser retirados, possíveis pausas, assim tornando a textualização mais fluente. Depois de a entrevista ser textualizada, ela retorna ao depoente para que o próprio entrevistado verifique, acrescente ou retire partes que não queira tornar pública, e o pesquisador lhe concederá todo o espaço para que isso aconteça, ficando assim evidenciado o cuidado ético que perpassa o processo investigativo, pois o depoente detém o direito absoluto de realizar quaisquer alterações na narrativa, pois é necessário que ele a legitime como sendo suas lembranças.

Ao final de todo o processo, o depoente assina e concede ao entrevistador uma Carta de Cessão, autorizando o uso da narrativa produzida, que passa a constituir-se como fonte de pesquisa para o trabalho e para outros que queiram utilizá-la.

Os trabalhos que utilizam as narrativas em história oral, por meio da oralidade, procuram esboçar compreensões acerca das experiências de um assunto estudado pelo pesquisador e que foram vivenciadas pelo depoente. Para a pesquisadora que realiza o

presente projeto, a experiência está sendo entendida, conforme menciona Larrosa (2002), como algo que nos atravessa, nos marca, nos toca, ou seja, aquilo que, de alguma maneira nos deixa marcas. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

Em todo o processo de pesquisa qualitativa, bem como na história oral, não há modos nem referenciais de análise preestabelecidos. Cury, Souza e Silva (2014) tratam de dois tipos de análise de narrativas: a análise paradigmática e a análise narrativa. Na primeira, buscam-se convergências semelhanças/categorias para um/uns tema(s) específico(s), “para se chegar a generalizações do grupo estudado buscando, em suas narrativas, temas comuns” (CURY; SOUZA; SILVA, 2014, p. 917). A outra possibilidade de análise procura destacar as singularidades e evitar a generalização, importante reconhecer que cada ação é única e não pode ser categorizada. Diante do exposto no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, e após a produção dos dados, será definido qual movimento analítico se enquadrará nas fontes orais e nas outras que utilizaremos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. **História: a arte de inventar o passado.** 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2007.
- BOLIVAR, A. B. ‘De nobis ipsis silemus?’: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Eletrônica de Investigación Educativa**, Barcelona, v.11, n. 1, p. 40-65, fev. 2002. Disponível em: <<http://redie.ens.uabc.mx/vol4no1/contenido-.html>>. Acesso em: 10 Maio 2015.
- CAMPESTRINI, H. & GUIMARÃES, A. V. **História de Mato Grosso do Sul.** 2ª. ed. Campo Grande: Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.
- CURY, F. G.; SOUZA, L. A. de; SILVA, H. da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro/SP, v. 28, n.49, p. 910-925, ago. 2014.
- DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempos, identidades.** 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GARCIA, E. B. **Desbravadores de sertões: saga e genealogia dos Garcia Leal.** 1ª ed. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2009.
- GARNICA, A.V. M. História oral em educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. **História Oral**, Rio de Janeiro/RJ, v. 18, n. 2, p. 35-53, jul./dez. 2015a.
- GARNICA, A.V.M. O pulo do sapo: narrativas, História Oral, Insubordinação e Educação Matemática. In: Beatriz Silva D'Ambrosio e Celi Espassandim Lopes (Org). **Vertentes da**

Subversão na Produção Científica em Educação Matemática. Campinas: Mercado de Letras, 2015b. v. 01, p. 181-206.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer :notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Bolema**, Rio Claro/SP, v. 25, p. 213-250, dez.2011.

GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. de. **Elementos de História da Educação Matemática.** 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares da pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.133-160.

MATO GROSSO DO SUL, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico. Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul: Regiões de Planejamento. Campo Grande – MS, 2015.

PASSOS, C.L.B.; OLIVEIRA, R. M. M. A.; GAMA, R. P. Narrativas em grupo de professores e licenciandos: ressignificando a aprendizagem da matemática. **Revista de Educação PUC-Campinas.** Campinas/SP. v.18, n.3, p. 327-339. set./dez. 2013.

PORTELLI, A. História Oral: uma relação dialógica. In.: _____. **História Oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 9-25.

SILVA, H. da; SOUZA, L.A. de. A história oral na pesquisa em Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro/SP. v.20, n. 28, p. 139-162.2007

SILVA, N. C. **Cenas sobre a Formação e Atuação dos Professores de Matemática em Paranaíba/ MS na segunda metade do Século XX.** 216f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, 2016.

SOUZA, L. A. Narrativas na investigação em história da educação Matemática. **Revista Educação**,Campinas/SP. v. 18, n.3, p. 259-268, set./dez.2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VINCI, Christian F.R.G. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucautiano. **Filosofia e Educação[rfe]**, Campinas/SP. v.7, n.2, p195-219, jun./set.2015.